



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA**

KALIANE NASCIMENTO DOS SANTOS PINTO

AUSÊNCIAS E PRESENÇAS DO CLITÓRIS EM LIVROS DIDÁTICOS

Cruz da Almas – BA

2023

KALIANE NASCIMENTO DOS SANTOS PINTO

AUSÊNCIAS E PRESENCAS DO CLITÓRIS EM LIVROS DIDÁTICOS

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Biologia.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Ribeiro.

Cruz das Almas - BA

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA

KALIANE NASCIMENTO DOS SANTOS PINTO

AUSÊNCIAS E PRESENÇAS DO CLITÓRIS EM LIVROS DIDÁTICOS

A supracitada monografia é aprovada pelos membros da Banca Examinadora e foi aceita por esta Instituição de Ensino Superior como Trabalho de Conclusão de Curso, no nível de graduação, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Biologia.

Cruz das Almas - BA, 22 de Maio de 2023

Banca Examinadora



Prof. Dr. Gabriel Ribeiro
(CCAAB/UFRB) – Orientador



Prof.^a Dra. Patrícia Petitinga Silva
(CCAAB/UFRB) – Membro da Banca



Prof.^a Dra. Rosilda Arruda Ferreira
(CCAAB/UFRB) – Membro da Banca

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais queridos: Tereza Nascimentos dos Santos e Edgar Cosme Pinto (*in memoriam*), pela contribuição na formação do meu caráter, por todo amor, cuidado e apoio emocional durante o tempo que estiveram comigo. Sem vocês não teria sido possível concluir essa fase da minha vida.

Obrigada por terem fé em mim e orgulho da minha trajetória!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me confortar nos momentos difíceis, iluminar meus caminhos e permitir mais esta conquista em minha vida.

Aos meus pais (*in memoriam*) e aos amigos que Deus me presenteou e que permaneceram comigo durante toda a minha caminhada.

As minhas irmãs de coração Rita Maria e Adielle Rodrigues por todo apoio e carinho, e ao querido Leandro, por ter me dado força durante toda a minha graduação

Ao meu orientador e professor Gabriel Ribeiro, por ter me recebido com todo o carinho pela paciência e por acreditar em mim, pelas valiosas contribuições dada durante todo o processo, muito obrigado!

A todos professores e professoras do Curso de Licenciatura em Biologia da UFRB, pelo conhecimento compartilhado para que eu possa trilhar a minha caminhada com êxito profissional.

A todos os professores e professoras, que me ajudaram a construir o que sou hoje.

A todos e todas, que contribuíram das mais variadas formas para que esse sonho se tornasse realidade.

A comunidade acadêmica da UFRB, meus singelos agradecimentos.

***“Nestes dias de desespero, incerteza e medo há
Que nossa fé não sejam hinos apenas notas em canções.
Em uma salvação eu creio em Ti.
Acredito em Jesus Cristo Acredito em Deus, o Pai”.***

Leonardo Gonçalves

PINTO, Kaliane Nascimento dos Santos. **Ausências e presenças do clitóris em livros didáticos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Licenciatura em Biologia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas - BA, 2023, 43f. Orientador: Prof. Dr. Gabriel Ribeiro.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar como ocorre o processo de transposição didática da estrutura clitoridiana, em sete livros de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, recomendados pelo PNL D /2021. Para tal, realizamos uma análise comparativa entre o clitóris e o pênis, por meio de uma matriz analítica baseada no modelo KVP (CLÉMENT,2006) e constituída pelos seguintes critérios: representação imagética dos órgãos, em secção sagital da pelve e visão frontal e quando isolados do corpo humano, e representação textual. Os resultados evidenciaram lacunas nas representações de elementos anatomofisiológicos relacionados ao clitóris, diferente do que observamos em relação ao pênis. Identificamos um predomínio de imagens do corpo humano seccionado que não fornecem uma visualização adequada da estrutura clitoridiana e constatamos que a maioria dos LDs representa a glânde do clitóris como se fosse o órgão em sua totalidade. Além disso, os elementos textuais indicaram que a transposição didática da estrutura clitoridiana se distancia do conhecimento científico de referência, oferecendo uma abordagem superficial, insuficiente para provocar uma discussão crítica e reflexiva sobre o órgão. Desta forma, consideramos que as práticas educativas, pautadas nestes LDs, devem ser repensadas a fim de proporcionar um ensino mais equitativo sobre os órgãos genitais e desconstruir concepções equivocadas sobre a sexualidade feminina.

Palavras-chaves: Transposição didática. Relações de gênero e sexualidade. Clitoris.

PINTO, Kaliane Nascimento dos Santos. **Absences and presences of the clitoris in textbooks.** Course Completion Paper (Monograph). Degree in biology. Federal University of Reconcavo from Bahia, Cruz das Almas - BA, 2023, 43f. Advisor: Orientador: Prof. Dr. Gabriel Ribeiro.

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate how the process of didactic transposition of the clitoral structure occurs, in seven books on Natural Sciences and its Technologies, recommended by PNLD /2021. To this end, we carried out a comparative analysis between the clitoris and the penis, using an analytical matrix based on the KVP model (CLÉMENT, 2006) and constituted by the following criteria: image representation of the organs, in sagittal section of the pelvis and frontal view and when isolated from the human body, and textual representation. The results showed gaps in the representations of anatomophysiological elements related to the clitoris, different from what we observed in relation to the penis. We identified a predominance of images of the sectioned human body that do not provide an adequate visualization of the clitoral structure and we found that most LDs represent the clitoral glans as if it were the organ in its entirety. In this way, we believe that the educational practices, based on these textbooks, should be rethought in order to provide a more equitable teaching about the genitals and deconstruct misconceptions about female sexuality.

Keywords: Didactic transposition. Gender relations and sexuality. Clitoris

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação tridimensional do clitóris com o sistema de tecido erétil associado.....	18
Figura 2 – Representações imagéticas em cortes sagitais do órgão genital masculino.....	25
Figura 3 – Representações imagéticas do clitóris em cortes sagitais.....	26
Figura 4 – Representações imagéticas do pênis em visão frontal	28
Figura 5 – Representações imagéticas do clitóris em visão frontal.....	28
Figura 6 – Representações imagéticas estrutura peniana isolada ou desconectada do corpo.....	31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Livros didáticos analisados.....	22
Tabela 2. Matriz analítica.....	23
Tabela 3. Representações imagéticas do clitóris.....	24
Tabela 4. Representação imagética do pênis.....	24
Tabela 5. Elementos textuais referentes ao clitóris nos livros didáticos analisados.....	32
Tabela 6. Elementos textuais referentes ao pênis nos livros didáticos analisados.....	32
Tabela 7. Trechos dos livros didáticos analisados referentes ao clitóris.....	32
Tabela 8. Trechos dos livros didáticos analisados referentes ao pênis.....	34

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CNT - Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

KVP - Conhecimento, valores e práticas sociais.

LDs - Livros didáticos

MEC – Ministério da Educação

MGF - Mutilação genital feminina.

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

TD - Transposição Didática.

TDE - Transposição Didática Externa.

TDI - Transposição Didática Interna.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 Transposição didática e Modelo KVP.....	15
2.2 Morfofunção do Clitóris.....	17
2.3 Clitóris: Aspectos Históricos e Socioculturais.....	19
3. METODOLOGIA.....	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
4.1 Representações Imagéticas.....	24
4.1.1 Corte Sagital.....	24
4.1.2 Visão Frontal.....	27
4.1.3 Estrutura Isolada ou Desconectada do Corpo.....	30
4.2 Representações Textuais.....	31
4.2.1 Aspectos Anatomofisiológicos.....	32
4.3 Representações Textuais - Aspectos Socioculturais.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6. REFERÊNCIAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

Na história da anatomia humana, o clitóris, órgão responsável por proporcionar o orgasmo feminino, foi alvo de agressões e silenciamentos devido a fatores políticos e socioculturais. Como apontam Fernández, Fernández e Castro (2013), o modelo androcêntrico de sexualidade, que preconiza a supervalorização do sexo masculino em detrimento do feminino, também pautado na noção de heteropatriarcado, contribuiu sobremaneira para ocultação dessa estrutura e, conseqüentemente, da própria sexualidade feminina.

Nesse contexto destaca-se a teoria sobre o orgasmo vaginal, em oposição ao orgasmo clitoriano, postulada pelo psicanalista Sigmund Freud, como uma forma de resistência em reconhecer e atribuir a verdadeira e única função do clitóris, propiciar o orgasmo feminino. Essa insistente negação do clitóris, como fonte do prazer, influenciou consideravelmente as concepções de anatomistas e fisiologistas do século XX. Assim, a ampla anatomia genital feminina, tornou-se obscurecida e o clitóris foi desaparecendo gradualmente, tornando-se uma “não entidade anatômica” (CHALKER, 2001).

A independência do órgão em relação aos aspectos reprodutivos, também favoreceu o silenciamento dessa estrutura, uma vez que, do ponto de vista androcêntrico, o prazer desvinculado da função reprodutiva não seria um aspecto interessante, tendo em vista que a sexualidade não-reprodutiva da mulher, estaria associada ao erro, à marginalização e à promiscuidade (JARA, 2019). Tal aspecto culminou na retirada do clitóris dos principais livros de anatomia e medicina (LAQUEUR, 2001; FERNANDÉZ; FERNANDÉZ E CASTRO, 2013).

Nos tempos atuais, o clitóris continua sem muita visibilidade no campo educacional e, quando incluído nos livros didáticos (LDs), é mal representado do ponto de vista anatômico, interferindo na aprendizagem efetiva acerca do órgão e contribuindo, inclusive, para o seu desconhecimento (O'CONNEL; SANJEVAN; HUTSON 2005; FERNANDÉZ; FERNANDÉZ; CASTRO 2013).

Tendo em conta o exposto, é importante ressaltar que o tema dessa pesquisa surgiu ao longo da participação no programa de monitoria do componente curricular Anatomia Humana, vivenciado durante a formação em Licenciatura em Biologia, ao perceber as dificuldades dos estudantes em reconhecer e diferenciar as estruturas externas e internas da genitália feminina, nas peças anatômicas. Em contrapartida, os

órgãos genitais masculinos eram facilmente reconhecidos. Para além desse aspecto, ao distribuir modelos anatômicos do clitóris, em sua completa constituição anatômica, nenhum estudante conseguiu identificar a estrutura antes do professor referir do que se tratava.

Diante dessas percepções, sobrevieram inquietações que me levaram a refletir: como os LDs representam o clitóris estrutura fundamental para o alcance do prazer sexual feminino? A relevância dessa questão prende-se a dois aspectos: (i) os LDs continuam sendo a principal ferramenta utilizada pelos professores em suas práticas pedagógicas (CARVALHO; GONÇALVES, 2011; MONTALVÃO NETO, 2016; SOARES, et al. 2018); (ii) os LDs se revestem de um “status de verdade”, tanto para o professor, quanto para o aluno, e, portanto, seus conteúdos, linguagens, imagens ou atividades propostas influenciam diretamente na construção do conhecimento escolar (SANTANA; WALDHELM, 2009).

De acordo com Pierre Clément (2006), as seleções dos conteúdos que compõem os LDs podem ser influenciadas pelas dimensões KVP; “K” do inglês *knowledge*, ou seja, (conhecimento), “V” (os valores) e “P” (as práticas sociais). Desta forma, é certo que estas variáveis interagem entre si influenciando nas concepções dos sujeitos responsáveis pela elaboração dos conteúdos presentes nos LDs, inclusive no que diz respeito à estrutura do corpo humano e à sexualidade (LADISLAU FILHA; RIBEIRO, 2016; RIBEIRO et al., 2019).

Nesse sentido, tomamos como base o modelo KVP de transposição didática, para guiar a análise de dados e a partir de então, investigar como essas dimensões KVP influenciam os elementos textuais e as imagens presentes nos LDs, acerca da estrutura clitoridiana.

Assim, o objetivo geral da pesquisa foi investigar como ocorre o processo de transposição didática da estrutura clitoridiana nos livros de Ciências da Natureza e suas Tecnologias (CNT), recomendados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2021, em função de conhecimentos, valores e práticas sociais. Em termos específicos, objetivamos: (i) analisar as representações imagéticas do clitóris, tendo em vista suas dimensões anatômicas e fisiológicas; e (ii) identificar se há discussões acerca dos aspectos históricos e socioculturais associados à estrutura clitoridiana.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Iniciamos este capítulo apresentando considerações gerais sobre transposição didática (TD). Em seguida, abordaremos a morfofunção do clitóris. Por fim, destacaremos aspectos históricos e socioculturais referentes ao clitóris.

2.1 TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E MODELO KVP

A transposição didática (TD) corresponde às transformações e adaptações do conhecimento científico, de modo a torná-lo acessível ao ensino (CHEVALLARD, 1991; MARANDINO, 2004). No nível conceitual, a transposição didática surgiu inicialmente nos anos 70, a partir dos estudos do sociólogo Michel Verret, sendo novamente rediscutido nos anos 80 na didática da matemática por Yves Chevallard (LEITE, 2004; CARVALHO, 2009). Em suas publicações referentes a TD, Chevalard (1998) privilegia, sobretudo, elucidações acerca dos mecanismos de transformação dos saberes das ciências em saberes escolares.

Um conteúdo do saber que tenha sido definido como saber a ensinar, sofre a partir de então um conjunto de transformações adaptativas que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos do ensino. O trabalho que faz de um objeto de saber a ensinar, um objeto de ensino é chamado de transposição didática. (CHEVALLARD, 1991.p. 39).

De acordo com Carvalho (2009), a TD é realizada em duas etapas, sendo: a Transposição Didática Externa (TDE) a qual corresponde a elaboração dos currículos e manuais escolares, foco de nossas análises, e a Transposição Didática Interna (TDI) diretamente relacionada a forma como ocorre a transposição do conteúdo e as condições de ensino, ou seja, trata-se do processo da didatização aplicada pelos professores em sala de aula. No âmbito da TD são ainda estabelecidos três fatores: (1) o objeto do saber, (2) o saber a ensinar, e (3) o saber ensinado. Na mediação entre o objeto do saber e o saber a ensinar ocorre a TDE, enquanto que na relação entre o saber a ensinar e o saber ensinado ocorre a TDI (CARVALHO, 2009).

Com base na abordagem dos aspectos relacionados a teoria da TD de Yves Chavellard (1991), Pierre Clemént (2006) introduziu o modelo KVP. Este modelo enfatiza a evolução histórica do conhecimento científico representado pela variável (K) e sua proximidade com os valores (V) relacionados com as crenças, opiniões e ideologias, e as práticas sociais (P) que se prendem as práticas profissionais dos

professores, autores, de LDs, dentre outros. De acordo Carvalho, (2009) valores e práticas sociais interferem diretamente na aquisição de determinados conhecimentos a serem ensinados.

Para Schwingel e Araújo (2021), os valores prendem-se às concepções de um grupo a respeito do que definem como verdadeiro e correto, enquanto Clément (2016) afirma que os valores correspondem aquilo que fundamenta o julgamento, sendo encontrados nas opiniões dos sujeitos, nas crenças, nas posições filosóficas, morais e éticas e de caráter científico. Nesse aspecto o autor considera que:

É de fato em nome dos valores (julgar o verdadeiro e o falso) que o investigador desqualifica certas concepções ao julgar: é cientificamente verdadeiro ou falso; ou provável. Toda fraude desqualifica um investigador. A racionalidade da prova, da demonstração o incessante espírito crítico e aceitação dos limites das validades de suas afirmações são os valores fundamentais da ciência (CLÉMENT, 2016, p. 26).

Desde os anos 80, as práticas sociais são consideradas um fator de suma importância para a transposição didática (CLEMÉNT, 2016). Estas referem-se não apenas as práticas profissionais dos destinatários do ensino, mas também as práticas profissionais dos representantes do sistema de ensino, ou seja, professores, autores e editores de LDs. As concepções dos integrantes dos sistemas de ensino correspondem as práticas sociais atuais e futuras dos estudantes, as quais norteiam “Não só o seu futuro profissional, mas principalmente a sua responsabilidade de atuais e futuros cidadãos” (CARVALHO; CLÉMENT 2007, p. 3). Diante desse pressuposto, Martinand (2003) enfatiza a necessidade de refletirmos sobre essas práticas, objetivando explicitar de que maneira estas possam ser inseridas no contexto escolar.

Astolfi e Develay (2011) sugerem que as práticas sociais sejam consideradas como ponto de origem para o processo da transposição didática ao invés do saber científico, e argumentam que as práticas sociais de referência ultrapassam os limites dos saberes provenientes da comunidade científica.

Cabe referir que o modelo KVP de transposição didática tem sido utilizado pelos pesquisadores para analisar diversas temáticas no âmbito da educação científica, entre estas, questões relacionadas à saúde e à sexualidade. Ladislau Filha e Ribeiro (2016), por exemplo, utilizaram o modelo KVP para investigar conteúdos sobre a temática educação sexual em LDs de ciências, e concluíram que a escassez de imagens relacionadas ao intercursos sexual heterossexual, ou homoafetivo, nos LDs analisados são resultantes das interações KVP. Assim, sugerem que o conhecimento

científico foi influenciado pelos valores dos autores que interferiram em suas práticas sociais.

A pesquisa conduzida por Ribeiro et al. (2019), em LDs, identificou um maior predomínio de ilustrações de órgãos sexuais externos masculinos em detrimento ao feminino, os autores afirmam que este desequilíbrio pode estar associado a um maior silenciamento a respeito da sexualidade feminina, processo associado aos valores culturais, que reverberam nas práticas sociais dos responsáveis pela elaboração dos LDs.

Machado e Sepúlveda (2021) analisaram as descrições anatômicas e evolutivas dos órgãos genitais feminino e masculino em LDs de fisiologia e de anatomia humana, e identificaram que valores e práticas androcêntricas permearam a transposição didática do conhecimento científico. O clitóris, por exemplo, foi conceituado como “uma estrutura rudimentar”, em relação ao pênis. Os autores também registraram que os LDs se referiam ao corpo feminino apenas sob aspectos reprodutivos, colocando sobre a mulher a responsabilidade da reprodução, indicando que valores androcêntricos, sexistas e suas ramificações têm predominado nos discursos científicos.

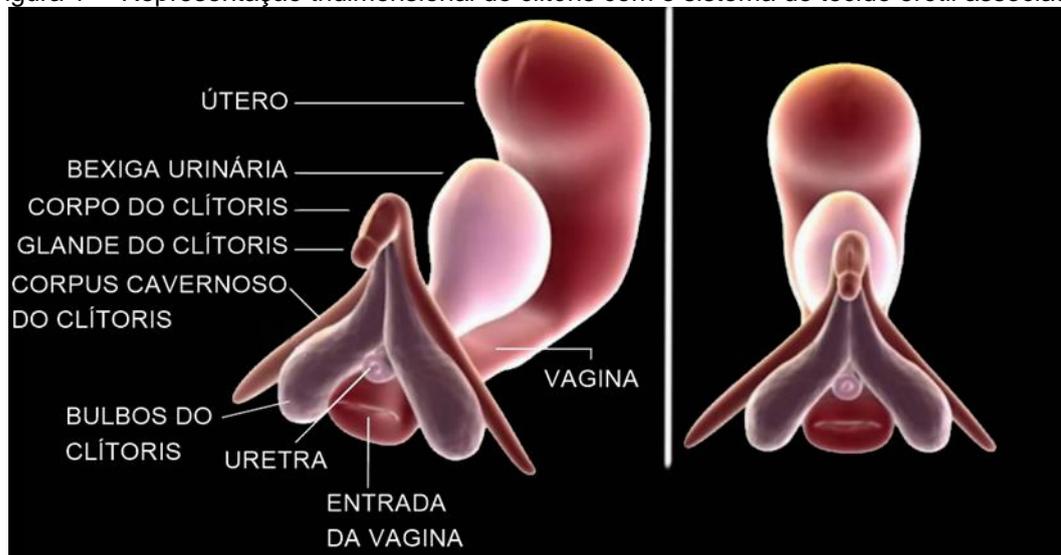
Bastos, Vestena e Sepel (2020) também basearam suas pesquisas no modelo KVP para identificar manifestações relacionadas à temática sexualidade. Em uma disciplina do curso de pedagogia, as pesquisadoras aplicaram questionários referentes à transmissão do HIV e suas implicações sociais para pedagogas em formação. Os resultados obtidos informaram que valores (V) como igualdade, empatia e inclusão sobrepõem o conhecimento científico (K), e confirmaram que “o modelo KVP, carrega consigo uma intencionalidade de aprendizagem, mediante o processo de transposição didática que pode transcorrer a partir de seus três polos” (BASTOS; SEPEL; VESTENA, 2020, p. 79).

2.2 MORFOFUNÇÃO DO CLITÓRIS

O clitóris (Figura 1) é uma estrutura erétil, de formato arredondado, que se localiza na porção superior da vulva, acima da rima do pudendo, na região situada abaixo da fusão superior dos lábios menores. Esta estrutura anatômica apresenta em sua constituição duas colunas de tecidos eréteis chamados corpos cavernosos, que divergem posteriormente para formar os ramos do clitóris (GRAAFF, 2003), e também

os bulbos esponjosos, os quais participam dos processos fisiológicos da ereção (O'CONNEL; SANJEVANN; HUTSON, 2005).

Figura 1 – Representação tridimensional do clitóris com o sistema de tecido erétil associado.



Fonte: Adaptado de Helen O'Connel (1991).

Outra estrutura que integra a anatomia do clitóris é a glândula (ver Figura 1), área coberta por uma prega cutânea (prepúcio ou capuz) e que contém milhares de terminações nervosas, sendo, por isso, associada à sensação de prazer ao toque. A glândula está situada na extremidade do corpo do clitóris, conectada ao bulbo do vestíbulo (STANDRING, 2010) ou bulbo do clitóris. A glândula é a parte mais conhecida do clitóris, em decorrência da sua localização externa, considerada uma protuberância peculiar de extrema sensibilidade, que quando estimulada é capaz de receber e transmitir sensações de pressão e vibração, em virtude de seus oito mil nervos sensoriais (CHALKER, 2001; FERNANDÉZ; FERNANDÉZ; CASTRO, 2013).

Esta estrutura pode variar, tanto na sua morfologia, adquirindo um formato alongado ou cônico, quanto na sua coloração, a depender da intensidade do fluxo sanguíneo. As jovens podem apresentar um clitóris com aspecto cor de rosa, enquanto mulheres que se aproximam da menopausa tendem a uma coloração mais avermelhada (semelhante à cor dos lábios menores). Por outro lado, mulheres mais idosas podem adquirir uma cor cinza ou azulada (DI MARINO; LEPIDI, 2014).

O prepúcio do clitóris é uma prega de pele em forma de capuz, que tem origem na fusão dos lábios menores, que recobre e desliza-se sobre a glândula do clitóris. Com o avanço da idade, a morfologia do prepúcio pode alterar-se e apresentar

características como de uma “bainha murcha”, ocultando totalmente a glândula. Isto ocorre porque os tecidos que os revestem podem sofrer uma distensão (DI MARINO; LEPIDI 2014).

O clitóris, como descrito, é constituído por um conjunto de estruturas capazes de promover a sua ereção, que são os corpos cavernosos, os bulbos esponjosos, ou bulbos dos vestíbulos (O’CONNEL; SANJEVANN; HUTSON, 2005). O processo de ereção ocorre através da excitação sexual decorrente de estimulação, como a masturbação, ou via estimulação erógena (visual e auditiva). A ereção é dependente de complexos eventos bioquímicos e neurológicos mediados pelo sistema nervoso autónomo, simpático e parassimpático.

A ação parassimpática, propicia a ereção clitoriana, pois causa o relaxamento da musculatura lisa das artérias que irrigam a região (artérias dorsais e artérias profundas clitorís), dilatando-as e, em consequência disso, o fluxo sanguíneo torna-se mais intenso permitindo um rápido preenchimento dos corpos cavernosos e o acúmulo de sangue no interior destes tecidos. À medida que os corpos cavernosos se tornam preenchidos com sangue, as veias subalbugíneas entram em colapso e impedem a saída venosa, proporcionando assim a rigidez clitoriana (DI MARINO; LEPIDI, 2014).

Destacamos que a localização do clitóris favorece a sua estimulação durante o ato sexual e quanto mais intenso e duradouro for esse estímulo, melhores serão as condições para que uma mulher alcance o ápice do prazer psicológico e fisiológico, chamado de orgasmo. Quando a excitação sexual diminui, ou seguindo-se o orgasmo, impulsos simpáticos provocam uma redução do fluxo arterial para os corpos cavernosos e estes retornam ao seu estado inicial que antecede a excitação (GRAAFF, 2003).

2.3 CLITÓRIS: ASPECTOS HISTÓRICOS E SÓCIO-CULTURAIS

Relatos discordantes sobre a descoberta do clitóris surgiram no século XVI, quando o então professor de anatomia da Universidade de Pádua, Mateo Realdo Colombo (1516-1559), afirmou ter sido o primeiro a reconhecer este órgão, atribuindo ao mesmo uma funcionalidade exclusivamente sexual. Tal fato foi publicado em seu livro *de Re Anatômica*, em 1559. No entanto, existe uma série de controvérsias relacionadas a quem de fato descobriu esta estrutura, visto que o anatomista Gabriel Falópio (1523-1562), entre outros, diz ter tido conhecimento do órgão, bem como de

sua função, muito antes de Colombo, além de ter referido que os gregos antigos já haviam mencionado esta estrutura anatômica, séculos antes (HERNANDO, 1999).

A querela relacionada a descoberta continua e no século XVII surgem novas opiniões. O anatomista dinamarquês Gaspar Bartolino (1655-1738) se opõe a suposta descoberta de Colombo, argumentando que tanto o médico Rufos de Éfeso (último século antes de Cristo), quanto Júlio Polux (século II depois de Cristo), já haviam feito descrições sobre este órgão.

Outras contradições são relatadas pelo anatomista Regnier De Graaff (1641-1673), ainda no mesmo século, em seu livro *New Treatise Concerning the Generative Organs of Woman* (1672), que aponta relatos sobre o clitóris, anteriores a Colombo. Neste sentido, sustenta-se que o clitóris era perfeitamente conhecido pela medicina grega e latina e que Hipócrates havia escrito textos relacionados ao órgão. Em síntese, a busca pelo prestígio médico, na época de Colombo, influenciou muito mais controvérsias e polêmicas do que o verdadeiro reconhecimento do clitóris, principal fonte do prazer sexual feminino (HERNANDO, 1999).

Em 1844, o anatomista George Ludwig Kobelt “redescobre” o clitóris e passa a publicar um extenso estudo sobre a sua anatomia, o qual ganha destaque no *Gray's Anatomy*, principal livro dos anatomistas da época (JARA, 2019). No entanto os discursos pautados na irrelevância do órgão para a reprodução propiciam a sua exclusão do livro anos mais tarde. Em 1865, momento em que o prazer sexual feminino era visto como pecado, e marcado apenas sobre a perspectiva reprodutiva, o clitóris passa a ser visto de forma negativa, sendo apontado como a marca do diabo, em muitos aspectos, incluindo os discursos médicos e científicos que associavam a sexualidade feminina a uma série de patologias. Ainda nessa mesma época, o cirurgião inglês e, presidente da *Medical Society of London* Isaac Baker Brown (1811-1873), aponta a masturbação feminina como causadora do lesbianismo e diversas doenças como cegueira, desequilíbrio mental, histeria, demência e até a morte prematura, salientando que a remoção do órgão seria a única forma de prevenir tais doenças, fato que ocasionou a mutilação genital feminina (MGF) de muitas mulheres (FERNANDÉZ; FERNANDÉZ; CASTRO, 2013).

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a prática da MGF persiste até os dias atuais, sendo utilizada em 28 países africanos, na Ásia, no Oriente médio e em algumas comunidades de imigrantes na América do Norte e Europa. Estes procedimentos geralmente ocorrem em ambientes domésticos, com recursos a

instrumentos não desenvolvidos para esta finalidade, como facas, giletes etc. (ONU, 2008; OHCHR et al.2008).

Em algumas culturas a clitoridectomia é considerada como parte de um ritual de iniciação da puberdade, com o objetivo de impedir que estas meninas descubram “precocemente” o prazer sexual e o orgasmo, e como uma forma de garantia de sua virgindade até o casamento, bem como para assegurar a fidelidade ao seu cônjuge (FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ; CASTRO, 2013).

Os elementos expostos nos fazem refletir sobre o quanto a natureza sexual da mulher foi e continua sendo suprimida e negada, para satisfazer aos meros prazeres machistas e patriarcais. A remoção do órgão pode ser considerada uma forma de silenciamento e controle da própria sexualidade feminina, desde sempre associada a função reprodutiva.

Por outro lado, o silenciamento simbólico do clitóris também é um aspecto preocupante. No século XX, Moore e Clarke (1995) realizaram um levantamento a respeito das ilustrações do clitóris em livros de Anatomia Humana e, evidenciaram que sua representação é relativamente escassa quando comparada ao órgão genital masculino. Em suas pesquisas, constataram apenas três registros sobre o clitóris e trinta e cinco sobre o pênis. Ainda, identificaram por intermédio da busca de palavras, apenas dezenove menções ao clitóris, enquanto que trezentos e quarenta e sete, eram a respeito do pênis.

Como é possível notar, a repressão da sexualidade feminina é bastante antiga e obviamente ainda se encontra muito sólida e enraizada na sociedade, sendo rodeada de tabus, sexismos e misoginia.

3. METODOLOGIA

Neste estudo analisamos as representações imagéticas e textuais referentes a estrutura clitoridiana, em sete (7) LDs de Ciências da Natureza e suas Tecnologias (CNT) do 1º ano do Ensino Médio (ver Tabela 1), recomendados pelo guia dos LDs do PNLD 2021.

Tabela 1 – Livros didáticos analisados.

LD	Editora	Título do livro	Título capítulo	Volume	Páginas
L1	Moderna	Moderna e Plus humanidade e ambiente	Reprodução humana (sistema genital feminino)	V.4	132 à 134
L2	Moderna	Ciências da Natureza Corpo humano e vida Saudável	Adolescência puberdade e saúde reprodutiva	V.5	65
L3	FTD	Movimentos e equilíbrios na natureza	Saúde em equilíbrio	V.2	129 à 131
L4	Scipione	Matéria, energia e vida desafios contemporâneos das juventudes	Aspectos biológicos da adolescência	V.5	133 à 135
L5	Moderna	Diálogo ciências da natureza e suas tecnologias	*	V.5	*
L6	Moderna	Conexões ciências da natureza e suas tecnologias	*	V.3	*
L7	SM	Ser protagonista saúde vida e genética	*	V.6	*

Nota: * Ausência de menções, textuais ou imagéticas, ao clitóris.

Fonte: Autores.

Os livros selecionados para análise foram escolhidos por serem apresentados como referências na resenha do guia PNLD 2021 sobre os LDs de CNT, tendo em vista que as informações descritas sobre cada LD influenciam e contribuem na tomada de decisão dos docentes no processo de escolha (BUTLER; TOGNATO, 2020).

Ressaltamos que nos LDs (L5), (L6), (L7) não foi possível obter resultados devido à ausência de representações imagéticas e textuais do clitóris ou do pênis.

Na presente pesquisa realizamos uma breve análise comparativa com o órgão genital masculino, o pênis, embora este não seja o foco principal do trabalho. Julgamos necessário analisar as representações visuais e textuais associadas à anatomia peniana a fim de compreender a presença de estruturas, em certa medida análogas ao clitóris, nos LDs. Para guiar a análise dos dados adotamos o modelo conhecimento, valores e práticas sociais (KVP) proposta por clemént (2006) apresentado no referencial teórico deste trabalho o qual foi utilizado buscando evidenciar como estas variáveis interagem entre si, e influencia as representações imagéticas e os elementos textuais do clitóris em comparação com o pênis.

A coleta de dados foi realizada por meio de uma matriz analítica (Tabela 2), elaborada pelos autores, contendo os seguintes parâmetros mobilizados para analisar o clitóris e o pênis: Representação imagética: (a) Corte sagital da pelve; (b) Visão frontal da pelve; (c) Estrutura isolada do corpo e Representação textual: (d) Aspectos anatômicos; (e) Aspectos fisiológicos; (f) Aspectos socioculturais. Este último parâmetro dará ênfase apenas ao clitóris.

A escolha desses parâmetros foi estabelecida, a partir das informações presentes nos aportes teóricos que fundamentam esta pesquisa.

Tabela 2 – Matriz analítica.

Parâmetros	Representações	Possibilidades
Representações imagéticas	Corte sagital	Ausência / Presença
	Visão frontal	
	Estrutura isolada ou desconectada da vulva	
Elementos textuais	Aspectos Anatômicos	Ausência / Presença
	Aspectos Fisiológicos	
	Aspectos Socioculturais	

Fonte: Autores.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, serão apresentados e discutidos os resultados das análises referentes às representações imagéticas e textuais do clitóris e do órgão genital masculino, presentes nos LDs (Tabelas 3 e 4). Dessa forma, esse capítulo encontra-se dividido em duas seções baseadas nos critérios apresentados na matriz analítica, a primeira correspondente aos aspectos imagéticos e a segunda aos elementos textuais.

Tabela 3 – Representações imagéticas do clitóris.

Parâmetros	Presente	Ausente	Imagens nos LD	%
Corte sagital	L1(1), L2(1), L4(1)	L3, L5, L6, L7	3	50%
Visão frontal	L1(1), L3(1), L4(1)	L2, L5, L6, L7	3	50%
Estrutura isolada		Todos	0	0%
			Total de Imagens: 6	100 %

Nota: A letra L corresponde aos livros didáticos (Tabela 4) e os números entre parênteses vinculam-se a quantidade de ocorrência das imagens em cada livro didático (LD) analisado.

Fonte: Autores.

Tabela 4 – Representações imagéticas do pênis.

Parâmetros	Presente	Ausente	Imagens nos LD	%
Corte sagital	L1(1), L2 (1), L3(1), L4(1)	L5, L6, L7	4	57,14 %
Visão frontal	L1 (1)	L2, L3, L4, L5, L6, L7,	1	14,28 %
Estrutura isolada	L3 (1), L4 (1)	L1, L2, L5, L6, L7	2	28,51 %
			Total de Imagens: 7	100 %

Nota: A letra L corresponde aos livros didáticos (Tabela 4) e os números entre parênteses vinculam-se a quantidade de ocorrência das imagens em cada livro didático (LD) analisado.

Fonte: Os autores (2023).

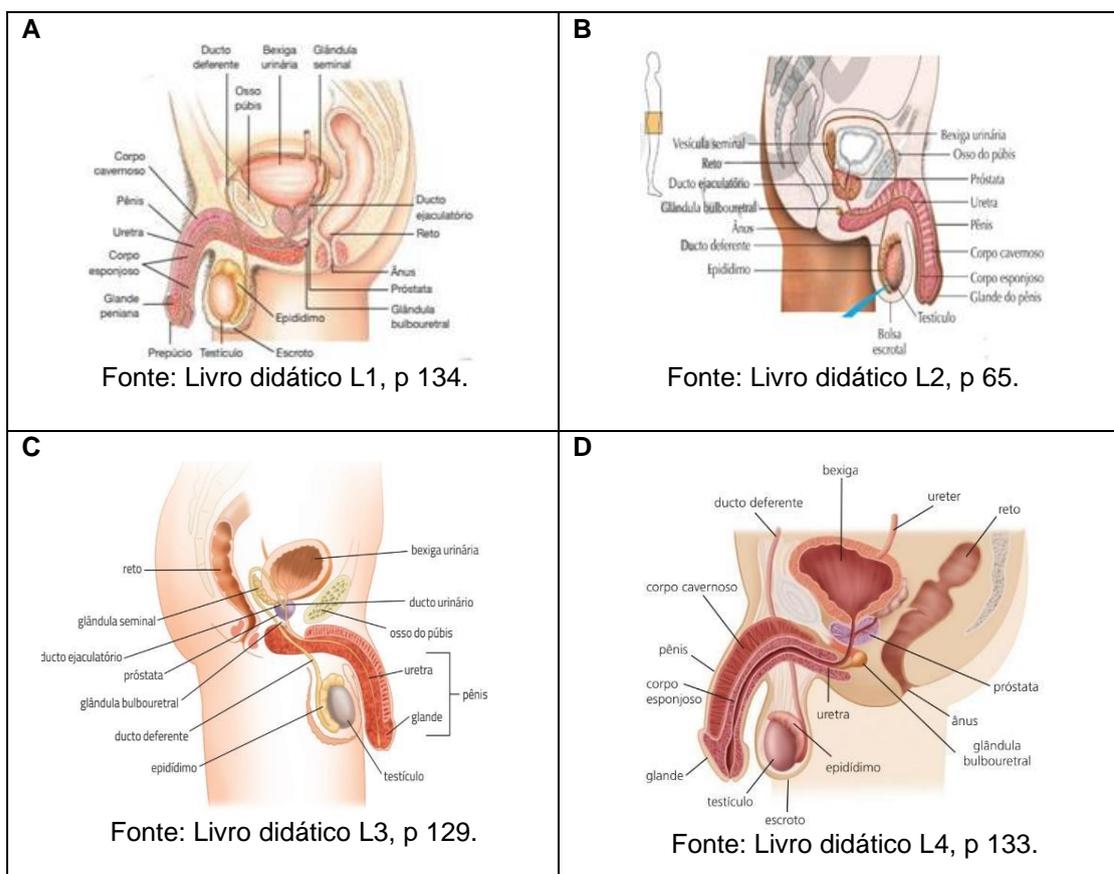
2.4 Representações Imagéticas

2.4.1 Corte sagital

O corte sagital, que subdivide um segmento do corpo humano ou todo o corpo em metades direita e esquerda, é utilizado nos LDs para ilustrar porções internas dos órgãos. Assim, utilizamos o parâmetro corte sagital para identificar nas imagens dos LDs como as estruturas referentes ao clitóris e ao pênis estão sendo representadas.

Constatamos que 50% das imagens correspondem ao clitóris, e 57,14% das imagens referem-se ao pênis, em corte sagital, como pode ser visualizado nas Tabelas 3 e 4, respectivamente. Além disso, observamos que, diferente do clitóris, o órgão genital masculino foi detalhadamente ilustrado nos LDs e, em grande parte, foram destacadas tanto sua constituição externa (glande, prepúcio) quanto a sua constituição interna (corpos cavernosos e corpos esponjosos) (ver Figura 2. A-D).

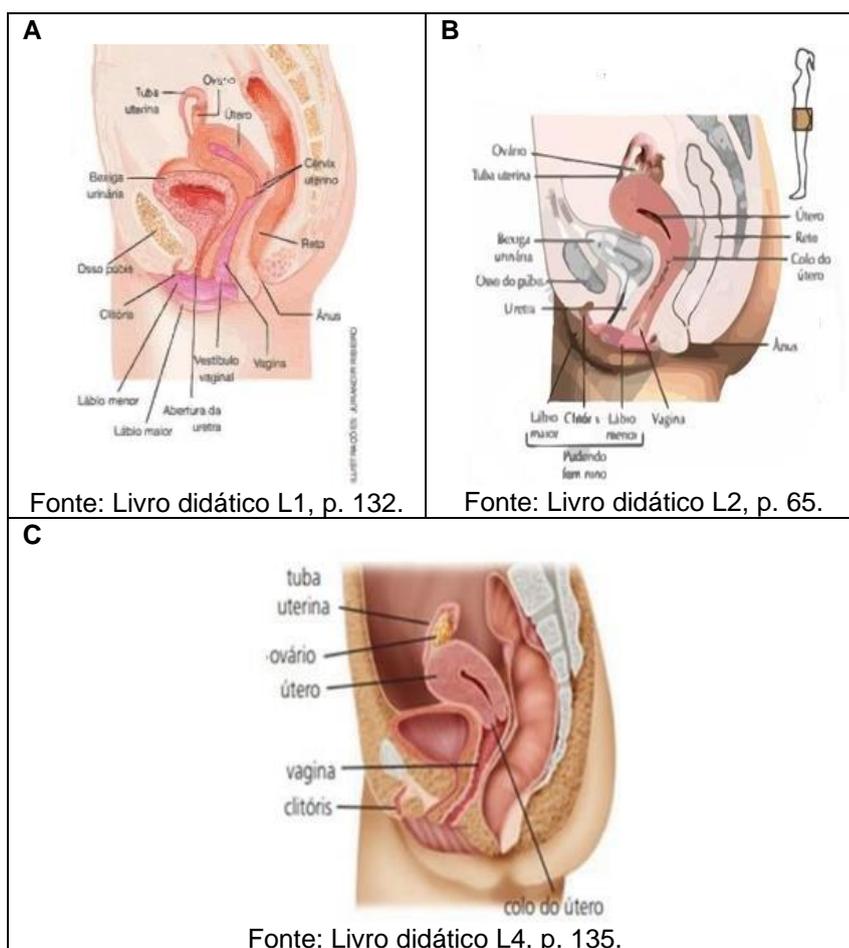
Figura 2 – Representações imagéticas em cortes sagitais do órgão genital masculino.



Com relação as representações imagéticas do clitóris, verificamos que a presença do órgão é quase imperceptível. As imagens não oferecem detalhes suficientes capazes de contribuir para uma melhor compreensão da sua anatomia, sendo praticamente impossível visualizá-lo e identificar as suas estruturas (ver Figura 3. A-C).

Segundo Martins et al (2003), as representações imagéticas em LDs deveriam proporcionar ao leitor o estímulo a leitura e a capacidade argumentativa. Partindo desta premissa, consideramos que as imagens apresentadas não são claras e não fornecem detalhes suficientes capazes de despertar nos alunos alguma reflexão maior sobre o órgão. Outro aspecto que merece atenção diz respeito a representação imagética da estrutura clitoridiana em único plano (corte sagital), conforme observado, apenas, no L2 (Tabela 3).

Figura 3 – Representações imagéticas do clitóris em cortes sagitais.



Para O’Connel, Sanjevann e Hutson (2005) é impossível transmitir a anatomia do órgão apenas em um único plano, como normalmente é descrito em alguns livros didáticos. Os autores colocam essa condição como um dos principais fatores que colaboram para o desconhecimento desta estrutura. Além disso, a porcentagem de imagens em cortes sagitais revela certo predomínio das ilustrações em um corpo totalmente diferente do real, ou seja, um corpo fragmentado. Neste sentido, concordamos com Engelmann (2017, p. 20) quando afirma que: “Uma imagem tanto pode contribuir quanto dificultar a introdução do estudante no contexto da ciência”. Vale ressaltar que uso de ilustrações de corpos fragmentados, principalmente para ilustrar os órgãos sexuais, tornou-se uma tendência dos LDs de ciências os quais adotam sempre o mesmo padrão, e que inclusive implicam no desconhecimento dos estudantes com relação ao seu próprio corpo, tendo em vista tratar-se de imagens sem expressão e sem identidade. De acordo com Clément (2006) a prevalência no uso das mesmas imagens, ainda que sejam publicadas novas edições de LDs estão intimamente direcionadas as práticas sociais (P) dos sujeitos integrantes do sistema

de ensino (autores, editores, dispositivos legais) que podem ser práticas de cidadania ligadas a posições morais (V). Nesse sentido compreendemos que no processo da transposição didática o conhecimento científico (K) não é o único fator em questão, pois os valores, as crenças, a visão de ensino sobre aquilo que é necessário estar ou não presente nos LDs, na concepção dos autores, também estão incluídos e, portanto, reverberam nas suas práticas sociais (P)

Observamos, também, que nas representações imagéticas do clitóris não é possível identificar as demais estruturas anatômicas do órgão, diferente do que ocorre em relação ao pênis, essa situação reforça uma imprecisão e parcialidade do conhecimento científico a respeito da anatomia clitoridiana, isto pode estar relacionado ao fato de que os estudos sobre esta estrutura sempre foi dominado por fatores sociais motivo pelo qual alguns livros negligenciam sua abordagem enquanto outros dedicam uma extenso estudo sobre o pênis Fernández, Fernández e Castro (2013). Considerando que as imagens ilustradas não contribuem para uma aprendizagem efetiva sobre o órgão propomos que a partir das representações imagéticas dispostas nos LDs, professoras e professores, em suas práticas, apresentem outra imagem complementar que possibilite uma ampla visão do órgão, a fim de demonstrá-lo externamente e internamente e, assim, contribuir para um conhecimento mais efetivo sobre esta estrutura.

2.4.2 Visão frontal

As representações imagéticas no plano frontal podem possibilitar a visualização das estruturas externas que integram a anatomia clitoridiana e peniana. Assim, procuramos analisar como estes órgãos estão representados, bem como se as estruturas externas visíveis estão sendo identificadas. Verificamos que (50%) das imagens dos LDs analisados ilustraram a estrutura clitoridiana conforme o parâmetro indicado, sendo que apenas 14,28% trouxe ilustrações referentes ao pênis.

Observamos que na ilustração indicada (Figura 4), o órgão genital masculino é bem representado, sendo possível visualizar o prepúcio, uma de suas estruturas externas (embora não identificada por setas), retraído a fim de possibilitar uma melhor visualização da glândula do pênis.

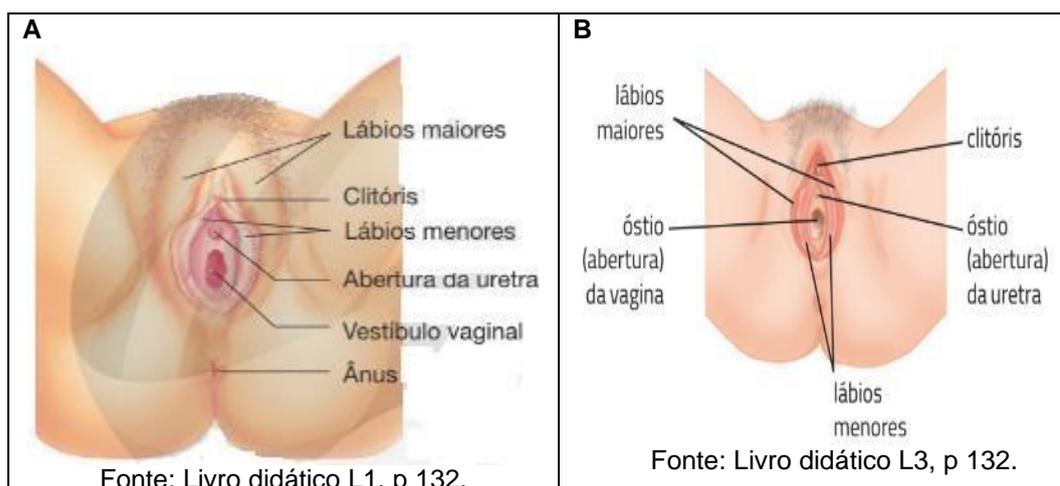
Figura 4 – Representações imagéticas do pênis em visão frontal.



Fonte: Livro didático L1, p 134.

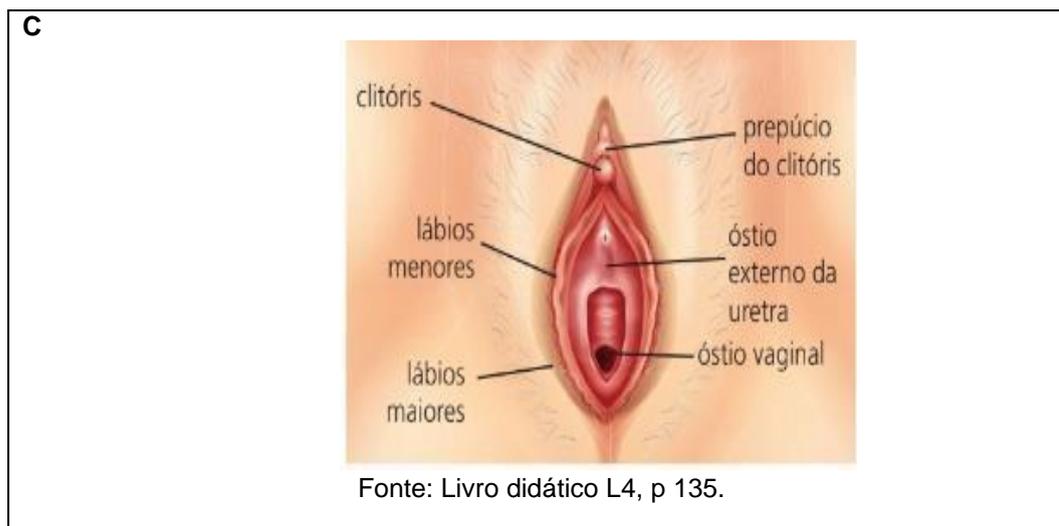
No entanto, a estrutura clitoridiana é sub-representada. Na maioria das ilustrações, as estruturas externas e visíveis do órgão não foram distinguidas, com exceção do (L4) que destacou, ao menos o prepúcio, e proporcionou uma visão mais amplificada da glande (Figura 5C). Também notamos que na maioria dos LDs analisados a glande é apresentada como se fosse o órgão completo. Fernández, Fernández e Castro (2013) e O’Connel, Sanjevann e Hutson (2005) discorrem que isto tem sido uma problemática recorrente nos livros didáticos.

Figura 5 – Representações imagéticas do clitóris em visão frontal.



Fonte: Livro didático L1, p 132.

Fonte: Livro didático L3, p 132.



De modo semelhante às ilustrações anteriores, a visibilidade do órgão permanece quase que impossibilitada, este é representado apenas como um minúsculo ponto, o que parece estar associado a uma das principais razões pelas quais se conhece apenas a sua porção externa, em detrimento das suas demais estruturas constituintes. Segundo Chalker (2001), os livros contemplam uma descrição anatômica do órgão muito reduzida, comparando-o a uma “ervilhinha” e isto que nos leva, forçadamente, a concordar com tal informação.

Com relação as ilustrações do clitóris, destacamos que algumas pesquisas têm demonstrado que o órgão continua sendo mal representado. Jara (2019) realizou uma pesquisa com o objetivo de compreender os saberes sobre o clitóris, utilizando diversos recursos, dentre estes um livro didático de ciências do ensino fundamental. Em seus achados, a autora identificou uma ilustração da vulva, com o clitóris sendo representado como um pequeno círculo, menor que o orifício da uretra. Julgamos que a forma como o órgão é representado não possibilita a compreensão sobre a sua morfologia, deixando lacunas com relação a sua verdadeira anatomia e corroborando ainda mais para o desconhecimento da sua ampla constituição.

Os equívocos a respeito da anatomia do clitóris não são recentes. Conforme apontam os trabalhos de Moore e Clarke (1995), autoras que analisaram e discutiram as representações do clitóris ao longo do século XX, as ilustrações do clitóris quando não eram omitidas, variavam de simples a complexas, majoritariamente simples, e com uma de suas estruturas, a glândula, rotulada como se fosse o órgão completo.

Alguns autores salientam que além do órgão estar sendo mal representado em alguns LDs, outros simplesmente ignoram a sua existência, conforme aponta Alves

(2016) que, ao realizar uma pesquisa com LDs de ciências, identificou uma ilustração da vulva, sem a presença do clitóris e com enfoque exclusivamente no hímen, membrana fina encontrada ao redor da vagina e que por muito tempo foi considerada como prova da virgindade, inclusive do ponto de vista jurídico-legal. Compreendemos que esse tipo de conteúdo presente nos LDs denota certa repressão à sexualidade feminina, e prioriza, sobretudo, os sentidos de maternidade, pureza e virgindade, em detrimento ao próprio prazer (ALVES, 2016). Pelo exposto das imagens apresentadas acima, na qual há uma maior expressividade do pênis em detrimento ao clítoris, é plausível inferir que o conhecimento científico (K) carrega influências de elementos socioculturais, que envolvem valores adrocêntricos (V) os quais repercutem nas práticas sociais (P) dos sujeitos envolvidos na elaboração e seleção dos conteúdos transpostos nos LDs.

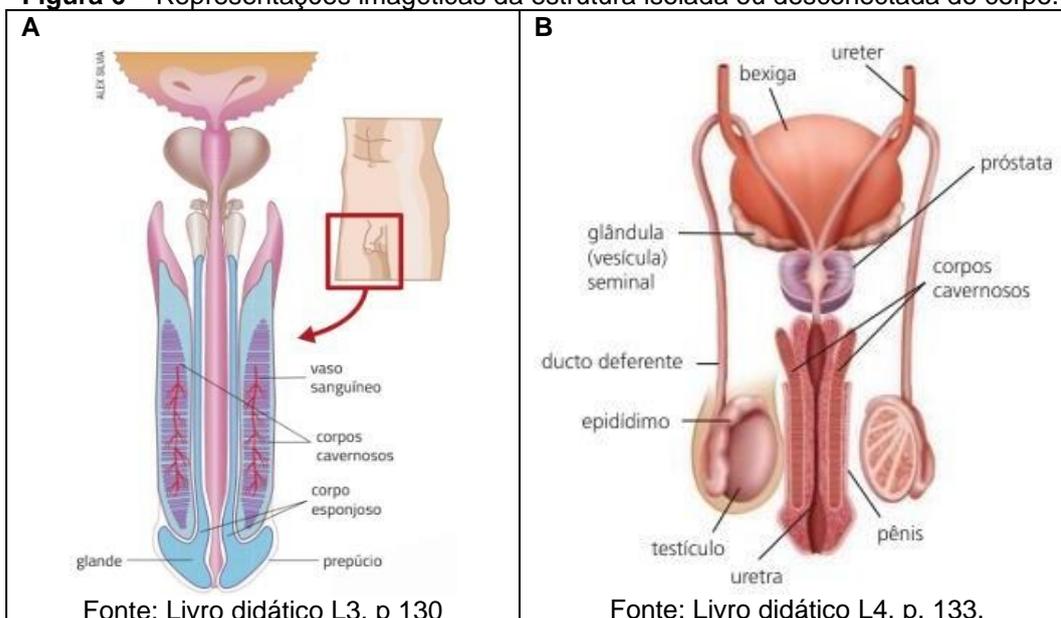
2.4.3 Estrutura isolada ou desconectada do corpo

A representação imagética do clitóris e da estrutura peniana de forma isolada do corpo permite uma ampla visualização de suas composições anatômicas internas e externas. Nesta direção, utilizamos o referido parâmetro a fim de identificar a presença de ambos os órgãos, bem como as suas estruturas externas e internas correspondentes.

Como é possível visualizar (ver Tabela 3) os LDs não abordaram ilustrações referentes a estrutura clitoridiana desconectada do corpo (isolada da vulva), a fim de compreender o órgão em sua dimensão total. Em contrapartida, 28,51 % das imagens analisadas apresentaram o órgão genital masculino isolado do corpo, possibilitando uma melhor visualização de suas estruturas externas e internas (ver figura 6).

Estes resultados coadunam com as afirmações de autores como Chalker (2001), Fernández, Fernández e Castro (2013) e O'Connel, Sanjevan e Hutson (2005) os quais explicitam que a anatomia genital masculina é amplamente estudada e representada imagetivamente, evidenciando todas as estruturas que a compõem.

Figura 6 – Representações imagéticas da estrutura isolada ou desconectada do corpo.



Conforme mencionado, o clitóris não se restringe a glândula, a maioria de suas estruturas são internas e compreendem a crura, os bulbos esponjosos e corpos cavernosos (Figura 1), todo este aparato trabalha em conjunto no processo fisiológico da ereção e do orgasmo, informação que a maioria dos LDs omitem. Esta ocultação está relacionada aos fatores de cunho moral e cultural, e com relações de poder, que invisibilizam o feminino, segundo um sistema patriarcal e androcêntrico (FERNANDÉZ; FERNANDÉZ; CASTRO, 2013). As imagens apresentadas evidenciam de fato uma supervalorização do sexo masculino, em detrimento ao feminino, o que demonstra que os valores androcêntricos (V) permeiam o conhecimento científico (K) e as práticas sociais (P) dos envolvidos no sistema de ensino (CLEMÉNT 2006; MACHADO; SEPULVEDA, 2021). Em síntese afirmamos que o fato de existir uma maior preocupação por parte dos representantes do sistema do ensino em ilustrar a estrutura peniana em toda sua forma e constituição, sugere que o conhecimento científico (k) interage com os valores e influencia as práticas sociais dos atores envolvidos no processo da transposição didática externa.

2.5 Representações Textuais

Com o parâmetro representações textuais objetivamos descrever a presença de aspectos anatomofisiológicos de ambos os órgãos, clitóris e pênis, bem como a presença de discursos relacionados aos aspectos socioculturais que marcaram o

silenciamento do órgão responsável pelo prazer sexual feminino, conforme apresentados na Tabela 5.

A tabela seguinte (Tabela 6) refere-se aos aspectos que correspondem as dimensões biológicas da estrutura peniana representada nos LDs.

Tabela 5 – Elementos textuais referentes ao clitóris nos Livros Didáticos analisados.

Parâmetros	Presente	Ausente
Aspectos Anatômicos	L1	L2, L3, L4, L5, L6, L7
Aspectos Fisiológicos	L1	L2, L3, L4, L5, L6, L7
Aspectos Socioculturais		Todos

Fonte: Autores.

Tabela 6 – Elementos textuais referentes ao pênis nos Livros Didáticos analisados.

Parâmetros	Presente	Ausente
Aspetos Anatômicos	L1, L2, L3, L4	L5, L6, L7
Aspectos Fisiológicos	L1, L2, L3, L4	L5, L6, L7

Fonte: Autores.

2.5.1 Aspectos anatomofisiológicos do clitóris

A seguir são destacados os elementos textuais extraídos dos LDs analisados (Tabela 7).

Tabela 7 – Trechos dos livros didáticos analisados referentes ao clitóris.

Livro Didático/ Página(s)	Trecho do livro didático
L1 / p. 132	“Na região da vulva, perto da junção entre os lábios menores, localiza-se o clitóris, órgão dotado de grande sensibilidade tátil e cuja região exposta tem cerca de 1 cm de comprimento. O clitóris é constituído de tecido erétil, que durante a excitação sexual recebe grande afluxo de sangue e fica intumescido. Esse órgão origina-se da mesma estrutura embrionária que o pênis (são homólogos) mas, diferentemente deste não é percorrido pelo canal uretral, a uretra feminina abre-se no vestíbulo vaginal, entre o clitóris e a abertura da vagina”.
L2 / p. 67	“O clitóris é um órgão erétil importante na estimulação da mulher”.
L3 / p. 132	“Os órgãos genitais externos são denominados em conjunto por pudendo feminino ou vulva, os lábios maiores, os lábios menores e clitóris fazem parte do pudendo feminino”.
L4 / p. 135	“Pudendo ou vulva - Genitália externa feminina formada pelos lábios maiores, lábios menores, clitóris (formado por tecido sensorial erétil). Os orifícios da uretra e da vagina estão no pudendo, e são protegidos pelos lábios”.

Fonte: Autores.

O L1, ainda que de forma superficial, foi o que mais abordou as características anatômicas e fisiológicas do clitóris. Apesar disso, há alguns pontos que devem ser considerados. Foi feita uma distinção entre o clitóris e o pênis apenas com relação a

localização da uretra, contudo, seria interessante enfatizar que o clitóris desempenha a única e exclusiva função de promover o orgasmo feminino, já que o pênis participa do mecanismo urinário e reprodutivo (FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ; CASTRO, 2013).

As estruturas visíveis do clitóris como a glândula e o prepúcio também não foram denominadas e a definição da glândula foi reduzida a “uma região exposta com cerca de 1 cm de comprimento”. Em nenhum momento é explicado que a maior parte de suas estruturas estão localizadas internamente, o que dá entender que o órgão se restringe a sua porção externa, a glândula. Nesta direção, também seria importante referir o seu tamanho, a fim de desconstruir a concepção de que o mesmo não passa de uma “pontinha”, já que alguns estudos indicaram que um clitóris não ereto pode chegar até nove centímetros (FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ; CASTRO, 2013).

Os trechos extraídos do L2, L3 e L4 (Tabela 6) não fornecem informações detalhadas a respeito da estrutura clitoridiana, apenas descrições superficiais, limitadas. Como conhecer o corpo e compreender a busca pelo prazer, se ainda prevalece a ausência de discussões acerca dessas temáticas? Não se fala do clitóris nas salas de aulas, não aprendemos sobre o clitóris nas narrativas científicas.

Ramos (2018) conduziu uma pesquisa sobre o conhecimento do órgão, com licenciados em biologia na cidade de Santa Catarina, e constatou que a maioria dos estudantes não aprenderam sobre o clitóris no período escolar ou se quer conheciam a sua constituição anatômica. Avaliamos que a limitada representatividade dessa estrutura nos LDs tem contribuído para o desconhecimento da mesma.

A omissão típica em relação a anatomia do órgão, bem como a ausência de enunciados a seu respeito e a falta de uma educação sexual que permita tornar possível a sua visibilidade, é designada como ablação ou mutilação cognitiva do clitóris. A mutilação se dá pelo apagamento da estrutura nas práticas educativas, nas páginas dos livros e nos discursos científicos (FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ; CASTRO, 2013). Jara (2019), em sua pesquisa intitulada “Mutilação cognitiva do clitóris: regimes de verdade sobre o corpo sexuado da fêmea humana”, analisa e discute as implicações decorrentes do silenciamento do prazer feminino em LDs, e adverte que:

De modo mais grave o apagamento da excitação e do prazer podem endossar fundamentos de violências contra as mulheres, pois a medida que o sexo é reduzido a uma operação eficiente que considera como fator apenas as adaptações fisiológicas masculinas como o ato de penetração pênis-vagina e com a finalidade de reprodução, não será possível compreender os fenômenos da excitação e do prazer como importantes (JARA, 2019, p.132).

Sugerimos, portanto, falar do clitóris e de seus aspectos anatomofisiológicos, a fim de romper com os silenciamentos sobre os corpos das mulheres.

Na Tabela 8 destacamos os elementos textuais referentes ao órgão genital masculino, presentes nos LDs, a fim de verificar como os aspectos anatomofisiológicos do órgão estão sendo representados, em comparação a estrutura clitoridiana.

Tabela 8 – Trechos dos livros didáticos analisados referentes ao Pênis.

Livro Didático/ Página(s)	Trecho do livro didático
L1 / p. 132	“O pênis é o órgão copulador masculino. Ao longo de seu comprimento, há três massas de tecido erétil: dois corpos cavernosos laterais e um corpo esponjoso ao redor da uretra. Perto da extremidade do pênis, o corpo esponjoso expande-se e forma a glândula, dotada de grande sensibilidade tátil e protegida por uma dobra de pele chamada prepúcio. Os tecidos eréteis do pênis recebem grande fluxo de sangue durante a excitação sexual, intumescendo-se e levando à ereção do pênis, o que possibilita sua penetração na vagina durante o ato sexual. O pênis é percorrido longitudinalmente pela uretra, canal que faz parte tanto do sistema urinário como do sistema genital masculino: pela uretra são eliminados a urina e o esperma.”
L2 / p. 66	“pênis – órgão copulador, composto internamente de corpos cavernosos, corpo esponjoso e uretra;”.
L3 / p. 130	“O pênis é um órgão constituído por massas de tecidos, pela uretra e pela glândula, que fica protegida por um tecido chamado prepúcio. As massas de tecido são o corpo esponjoso, localizado mais internamente envolvendo a uretra, e os corpos cavernosos, localizados lateralmente. Na excitação sexual, os espaços entre essas massas de tecido são preenchidos por sangue, fazendo com que o pênis fique ereto. A ereção do pênis é necessária para sua penetração na vagina, durante o ato sexual. Quanto à reprodução, o pênis é responsável por introduzir os espermatozoides no corpo da mulher”.
L4 / p. 134-135	“O pênis é o órgão de cópula masculino. Ele é formado por um corpo esponjoso, que envolve a uretra e constitui o tecido da glândula do pênis, e por dois corpos cavernosos, que se enchem de sangue e promovem a ereção do pênis. A glândula pode ser recoberta por uma pele, chamada prepúcio do pênis. O prepúcio do pênis é motivo de preocupação de muitos meninos, devido à fimose ”.

Fonte: Autores.

Como podemos visualizar, por intermédio dos trechos organizados na Tabela 8, o órgão genital masculino, no L1, é descrito, anatomicamente, em toda sua extensão. As estruturas externas e internas, são mencionadas e detalhadas quanto a sua função e localização no órgão, diferentemente do clitóris, em que estruturas análogas, foram descritas apenas superficialmente.

Com relação aos aspectos fisiológicos, estes foram descritos de modo similar ao clitóris, sobretudo considerou-se relevante enfatizar que a ereção facilita a penetração na vagina durante o ato sexual. Este último trecho analisado traz uma denotação explicitamente relacionada aos valores heterossexuais, reforçando os

valores heteronormativos (V) no modelo KVP. Para Furlani (2008) e Jara (2019), esse tipo de discurso auxilia na reprodução de tabus e preconceitos e remete a marginalização de outras práticas sexuais ao privilegiar apenas o intercurso pênis-vagina, como único sexo válido.

Em L2, o órgão genital masculino foi descrito, simplesmente, como órgão copulador. Também constatamos a presença das estruturas envolvidas no processo fisiológico da ereção, (corpos cavernosos e corpos esponjosos), que correspondem a estrutura clitoridiana, não explorada da mesma forma no livro analisado.

No tocante à descrição do pênis, o L3 traz uma abordagem precisa e bem detalhada da sua constituição, importante ressaltar que o livro não forneceu informações tão detalhadas sobre o clitóris. Outra questão diz respeito ao fenômeno da ejaculação associada apenas ao fator reprodução, o livro descreve o pênis como responsável por introduzir os espermatozoides no corpo da mulher. Tal enunciado, engessa a ideia de que na relação sexual a mulher é um ser passivo, apenas um receptáculo de espermatozoides e que o ato sexual, em si, não se relaciona a outra função, senão a reprodutiva.

Não diferente dos demais LDs analisados, constatamos no L4 que o conteúdo textual a respeito do pênis também traz informações mais abrangentes referentes ao órgão genital masculino, sobre seus aspectos anatômicos e fisiológicos. As estruturas externas, como a glândula e o prepúcio, foram destacadas, inclusive abordando a fimose, doença que impossibilita a retração da glândula, trazendo desconforto nas relações sexuais e dificultando a higienização do pênis. Embora rara, cabe destacar que a fimose feminina existe e poderia ser tematizada no LD.

2.6 Representações textuais - aspectos socioculturais

O parâmetro aspectos socioculturais foi utilizado com o objetivo de identificar nos elementos textuais dos LDs discussões acerca da história do clitóris e sobre a mutilação genital feminina, no entanto não foram encontrados textos relacionados a essa temática, pelo menos nestas edições dos LDs.

A história do clitóris é marcada por uma longa trajetória de silenciamento e repressão. Além de ter sido descoberto e redescoberto várias vezes e objeto de disputa entre grandes anatomistas, o órgão foi excluído em vários momentos, e omitido pela literatura científica, por questões morais, religiosas e políticas (CHALKER, 2001).

Ao órgão foi atribuído diversos males como a histeria e demais doenças, e por isso considerado como “a marca do diabo”, sendo extirpado da vida de muitas mulheres, em uma prática que ainda persiste considerada um “crime disfarçado de cultura” e uma violação dos direitos humanos. Segundo a ONU (2008), a mutilação provoca uma série de consequências para a sexualidade feminina as quais comprometem a saúde física e mental como hemorragias, dores durante as relações sexuais e complicações no parto, além dos traumas psicológicos

O fato é que da mesma forma que a anatomia clitoridiana permanece desconhecida, a sua história também não é contada, e seria interessante se nos LDs fosse possível dedicar um espaço de reflexão abordando essas temáticas. Com relação a MGF, apesar de ser uma realidade bem distante da nossa cultura, e por muitos nem saberem da existência dessa prática, também deveria ser abordada e, dessa forma, permitir que os estudantes possam reconhecer os valores e influências que estão por trás dessas práticas e assim contribuir para o aprendizado do órgão, não apenas do ponto de vista biológico, mas também sociocultural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou sete LDs de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, do PNLD 2021, destacados como referências nas resenhas do PNLD, com a finalidade de identificar como a estrutura clitoridiana é abordada nas representações imagéticas e textuais.

Conforme constatado, os livros analisados apresentaram lacunas na abordagem do órgão, ao negligenciarem as demais estruturas anatômicas que o compõem. Neste sentido, notamos que todos os livros situaram a glândula do clitóris como se fosse o órgão completo. Ainda, verificamos uma escassez de informações sobre seus processos fisiológicos, bem como a ausência das estruturas envolvidas.

Em contrapartida, o órgão genital masculino foi representado em toda a sua composição anatômica e seus aspectos fisiológicos foram precisamente descritos. Na direção oposta, esperamos que o ensino do corpo humano seja, mais equitativo em relação aos órgãos genitais.

Em função dos resultados obtidos, podemos constatar que urge a implementação de uma educação sexual capaz de romper com os preconceitos e estereótipos que cercam a temática sexualidade, principalmente a feminina.

Sublinhamos que o modelo KVP, utilizado para guiar a análise de dados da presente pesquisa, permitiu identificar que os conteúdos presentes nos livros didáticos carregam marcas e valores morais e sociais (androcêntricos e heteronormativos), sendo, portanto, uma ferramenta importante a ser utilizada para análise das concepções dos autores dos manuais escolares.

Foi possível perceber que a transposição didática da estrutura clitoridiana na maioria dos LDs analisados se distancia muito do conhecimento científico de referência, oferecendo uma abordagem superficial, incapaz de contribuir para uma discussão crítica e reflexiva sobre esta estrutura nas salas de aula.

Por fim, esta pesquisa poderá contribuir para que as práticas educativas sejam refletidas e para que o ensino de ciências e biologia não sejam pautados apenas sobre aspectos biológicos, ao se tratar do corpo humano. Que sejamos encorajados a falar do prazer e desconstruir equívocos sobre a sexualidade, tendo em vista que, a escola é um espaço propício para a formação de cidadãos críticos e, portanto, um local privilegiado para trazer discussões acerca dessa temática.

6. REFERÊNCIAS

- ALVES, L. L. **Discursos sobre gêneros e sexualidades inscritos em corpos de livros didáticos de Ciências (1970 - 1999)**. 2016. 187p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- ASTOLFI, J. P.; DEVALAY, M. **A didática das ciências**. 15. ed. Campinas: Papyrus, 2011.
- BASTOS, G. D.; VESTENA, R. F.; SEPEL, L. M. N. Conhecimentos, valores e práticas sociais referentes à sexualidade na formação inicial de pedagogas. **Ensino, saúde e ambiente**, v.13, n. 1, p. 57-83, 2020.
- CARVALHO, G. S. A transposição didática e o ensino da biologia. *In*: CALDEIRA, A. M. A. C.; ARAÚJO, E. S. N. N. (org.). **Introdução à didática da biologia**. São Paulo: Escrituras, 2009. cap. 2, p. 34-57.
- CARVALHO, G. S.; CLÉMENT, P. Projecto “Educação em biologia, educação para a saúde e educação ambiental para uma melhor cidadania”: análise de manuais escolares e concepções de professores de 19 países (europeus, africanos e do próximo oriente). **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 7, n. 2, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4036>. Acesso em: 21 abr. 2023.
- CARVALHO, G. S.; GONÇALVES, E. A abordagem da saúde na educação física em Portugal: programas e manuais escolares, e perspectiva dos professores. **Revista Educação Skepsis**, n. 2, p. 1901-1935, 2011.
- CHALKER, R. **A Verdade Sobre o Clitóris: o mundo secreto ao alcance da sua mão**. Tradução: SERRA, C. 1 ed. Rio de Janeiro: Imago, 2001. 192 p.
- CHEVALLARD, Y. **La Transposición Didáctica: Del saber sabio al saber enseñado**. Tradução: GILMAN, C. 3. ed. Buenos Aires: Aique, 1998. 196 p.
- CLÉMENT, P. **Didactic Transposition and KVP Model: Conceptions as Interactions between scientific knowledge, values and social practices**. Braga, Portugal: ESERA Summer School, IEC, Univ. Minho, 2006. p. 9-18.
- CLÉMENT, P. O MODELO KVP: interações entre Conhecimentos, Valores e Práticas sociais. *In*: BOFF, E. T. de Oliveira; PANSERA-DE-ARAÚJO, M. C.; CARVALHO, G. S. de (org). **Interações entre conhecimentos, valores e práticas na educação em saúde**. Ijuí: Unijuí, 2016. cap. 1, p. 13-27.
- DI MARINO, V.; LEPIDI, H. **Anatomic Study of the Clitoris and the Bulbo-Clitoral Organ**. Switzerland: Springer, 2014. 160 p.

ENGELMANN, G. L. **Percepção de cientistas e da história da ciência em livros didáticos de química**. 2017. 235 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

FERNÁNDEZ, M. L.; FERNÁNDEZ, M. V. C.; CASTRO, Y. R. **O clítoris e seus segredos**. Unidade de Igualdade - Universidade de Vigo, Vigo, Espanha: Difusora de Letras, Artes e Ideas, 2013. 40 p.

FURLANI, J. Mulheres só fazem amor com homens? A educação sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 111–131, mai./ago. 2008. Dossiê: Educação, Gênero e Sexualidade.

HERNANDO, A. C. **Repressão e Insubmissões do Sexo Feminino**. [S. l.]: Antígona, 1999. 245 p.

JARA, I. C. **Mutilação Cognitiva Do Clítoris: Regimes de verdade sobre o corpo sexuado da fêmea humana**. 2019. 144 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

LADISLAU FILHA, C. S.; RIBEIRO, G. The approach to sexuality in PNLD textbooks: a focus on STI/AIDS and condoms. **Ciência & Educação**, v. 22, p. 773-788, 2016.

LAQUEUR, W. T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Trad. WHATELY, V. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE, M. S. **Contribuições de Basil Bernstein e Yves Chevallard para a discussão do conhecimento escolar**. 2004. 131 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MACHADO, M. S.; SEPÚLVEDA, C. A. S. Sistema reprodutor feminino e masculino, há uma diferença em suas abordagens? Uma análise de livros didáticos através do modelo KVP. *In*: V Congresso Latinoamericano de Investigación en Didáctica de las Ciencias, [s. l.], 30 nov. 2021, on-line.

MARANDINO, M. Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências. **Revista brasileira de educação**, n. 26, p. 95-108, 2004.

MARTINAND, J.L. La question de la référence em didactique du curriculum. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 8 n. 2. p. 121- 130, ago. 2003.

MARTINS, I. et al. Uma análise das imagens nos livros didáticos de ciências para o ensino fundamental. *In*: IV encontro nacional de pesquisa em educação em ciências [s. l.], 29 nov. 2003.

MONTALVÃO, N.; LOPO, A. **Discursos de genética em livro didático: implicações para o soaresensino de biologia**. 2016. 194 p. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ONU – Organização da Nações Unidas. Combate mutilação genital feminina. **ONU News**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2008/02/1245021>. Acesso em: 23 abr. 2023.

O'CONNELL, H. E.; SANJEEVAN, K. V.; HUTSON, J. M. Anatomy of the clitoris. **The Journal of Urology**, v. 174, p. 1189-1195, out. 2005.

OHCHR, et al.(Declaração conjunta). **Eliminação da mutilação genital feminina**. Organização Mundial da Saúde / APF – Associação para o Planeamento da Família. Geneva, 2008, p. 51. Disponível em: https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2013/12/declaracao_conjunta.pdf. Acesso em: 23 abr. 2023.

RAMOS, M. C. **Precisamos falar sobre o clitóris na escola: investigando representações de estudantes de graduação em biologia acerca do clitóris**. 2018. 106 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciada em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

RIBEIRO, G. et al. Sexualidade nos Livros Didáticos: Análises e Proposições Baseadas em Aspectos Imagéticos. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 12, n. 1, p. 99-122, mai. 2019.

SANTANA, M. C. S; WALDHELM, M. C. V. Abordagem da Sexualidade Humana em Livro Didático de ciências – desvelando os bastidores de uma proposta. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v.2, p.2-20, 2009.

SCHWINGEL, T. C. P. G.; ARAÚJO, M. C. P. Educação em Saúde na escola: conhecimentos, valores e práticas na formação de professores. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 102, n. 261, p. 465-485, mai./ago. 2021.

SOARES, E. L. et al. As representações do corpo humano nos livros didáticos de Ciências. **Góndola, Enseñanza y Aprendizaje de las Ciencias**, v. 13, n. 1, p. 55-72, 2018.

STANDRING, S. **Gray's Anatomia: A base Anatômica da Prática Clínica**. 40. ed. Rio de Janeiro: Elsevier 2010.

TOGNATO, M. I. R.; BUTTLER, D. B. **Resenhas dos livros didáticos aprovados pelo Guia PNLD 2020 de língua portuguesa: uma ferramenta para o trabalho docente**. Linha D'Água, v. 33, n. 2, p. 189-214, 2020.

VAN DE GRAAFF, K.M. **Anatomia humana**. 6. ed. Barueri: Manole, 2003.

WIKIMEDIA COMMONS. Arquivo: **Clitoris 3 D - Helen O'Connell.jpg**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Clitoris_3_D_-_Helen_O%27Connell.jpg. Acesso em: 21 abr. 2023.